

Didáticas de identidade: O PIBID de Artes Visuais como espaço de autodescoberta e ampliação de repertório.

Júlia Victória Araújo Justo¹

Eduarda Mota Ferreira²

Maria Eudínice Maia Alcântara³

RESUMO

O presente relato de experiência apresenta atividades e pesquisas desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Artes Visuais do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Ceará. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, voltada ao ensino, com abordagem interdisciplinar e ênfase em práticas descolonizadoras. A coleta de dados ocorreu por meio de observações em sala de aula, registros em diário de campo, atividades práticas e devolutivas espontâneas dos alunos. As ações foram fundamentadas na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, na pedagogia descolonizadora de Rosemary Godoi, na crítica sociocultural de Teresa Torres de Eça e nos estudos sobre identidade visual de Felipe Aristimuño. As práticas envolveram a apreciação de símbolos Adinkra (Gana), grafismos Huni Kuin (povo indígena brasileiro) e discussões sobre moda como arte e protesto, inspiradas na estilista Zuzu Angel. A pesquisa teve como tema a construção identitária de estudantes do 6º ano do ensino fundamental, em uma escola da rede municipal de Fortaleza (CE), por meio de práticas artístico-culturais. O objetivo foi investigar como o ensino de artes pode favorecer processos de autoconhecimento e ampliar o repertório simbólico e visual em contextos escolares vulneráveis. O problema central consistiu em refletir sobre as limitações desse repertório e como isso impacta o desenvolvimento de uma identidade crítica e autoral. Os resultados indicam que práticas artísticas contextualizadas, alinhadas à realidade social dos alunos e fundamentadas em pedagogia crítica e inclusiva, fortalecem a autoestima, a consciência cultural, a autoria e o senso de pertencimento. Assim, o ensino de artes visuais consolida-se como espaço de formação identitária e cidadã, beneficiando estudantes e futuros professores, reafirmando o PIBID como espaço de formação docente e transformação social.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais; Identidade; PIBID; Abordagem Triangular; Educação Descolonizadora; Repertório Cultural.

1 Bolsista PIBID/Artes Visuais/IFCE e Graduanda pelo Curso de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, justo.julia08@aluno.ifce.edu.br;

2 Bolsista PIBID/Artes Visuais/IFCE e Graduanda pelo Curso de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, eduarda.mota08@aluno.ifce.edu.br;

3 Supervisora do PIBID/Artes Visuais/IFCE e Graduada pelo Curso de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, eudiniceart@gmail.com;



INTRODUÇÃO

Este relato propõe reflexões sobre o ensino de Artes Visuais como campo de formação identitária, apresentando uma experiência desenvolvida por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em turmas do 6º ano de uma escola municipal localizada na cidade de Fortaleza. Partindo do problema de pesquisa que compreende a construção identitária como ferramenta de autodescoberta e reconhecimento da individualidade no ambiente escolar, considera-se que a deficiência do contato com diferentes culturas, materialidades e narrativas é um fator que afeta diretamente o processo de autoconhecimento por meio do fazer artístico, sendo o contexto em que a escola se localiza um agravante dessas deficiências.

Para embasar a prática, recorre-se à Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, referência essencial na educação brasileira no campo do ensino de artes, que propõe a integração entre contextualização histórica e cultural, apreciação estética e prática artística.

A pesquisa também se fundamenta em Godoi (2023), que, em seu estudo sobre práticas pedagógicas descolonizadoras no ensino de arte afro-brasileira, destaca a importância de abordar referências negras e indígenas na educação básica como forma de combater epistemicídios e construir espaços escolares inclusivos. A autora defende a implementação efetiva das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, trazendo visibilidade e valorização de saberes historicamente marginalizados e estimulando processos de afirmação identitária e autoestima de estudantes negros e indígenas.

Dialoga-se ainda com Eça (2014), que critica abordagens tecnicistas e eurocêntricas no ensino de artes, propondo um reposicionamento da disciplina como espaço de construção de paz, tolerância, cidadania cultural e sustentabilidade. A autora sugere que o ensino de arte deve contribuir para a formação de sujeitos críticos, conscientes de seus papéis sociais e culturais, capazes de compreender a diversidade e lutar por equidade e respeito à diferença.



Como apoio, recorre-se também a Azevedo (2016), que aponta a relevância da Abordagem Triangular para a educação brasileira ao destacar a “Virada Arteducativa”, que expande a concepção de arte para além da expressão. Trata-se de uma metodologia que reconhece o aluno como produtor de saberes, valorizando experiências prévias e dialogando com conhecimentos artísticos e culturais, de modo a promover aprendizagens emancipadoras.

Para estabelecer a ponte entre arte e crítica social da moda, a pesquisa se articula a partir do trabalho de Moura (2021), que discorre sobre a relevância de se estabelecer uma “reflexão crítica sobre as desigualdades sociais e, principalmente, sobre o consumo excessivo e compulsivo”, fazendo ligação com as denúncias de Zuzu Angel a partir de sua arte, entendida como exercício de conscientização e crítica.

Por fim, fundamenta-se nos estudos de Aristimuño (2011) sobre identidade visual e cultura visual na educação, que abordam a articulação entre comunicação, arte e construção de identidade. Para o autor, o ensino de Artes Visuais deve considerar os processos comunicacionais como elementos que compõem a formação do “eu” e a relação do indivíduo com a sociedade, propondo práticas que estimulem o pensamento crítico, a autoria e o reconhecimento de si como sujeito cultural e histórico.

Diante desses referenciais, as práticas desenvolvidas durante o período da pesquisa, realizadas por meio de oficinas, tiveram como objetivo instigar a curiosidade dos discentes ao olhar para si, incentivando o desenvolvimento do senso de identidade e gosto pessoal, ao mesmo tempo em que ampliavam seu repertório cultural através do contato com narrativas africanas, indígenas e contemporâneas. Assim, integraram arte, moda e simbologia, utilizando-se de experiências transcritas em relatórios, diários de bordo e coleta das produções resultantes dos exercícios realizados em aula.

METODOLOGIA

O presente relato de experiência fundamentou-se em uma pesquisa sobre o ensino de artes, concebendo o ensino de Artes Visuais como campo de conhecimento e investigação, especialmente no que se refere às didáticas, métodos e análises decorrentes da atuação das docentes e da observação em sala de aula.



Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, caracterizada pela busca de compreensão dos fenômenos em sua complexidade, privilegiando significados, percepções, experiências e relações que não podem ser reduzidos a números ou variáveis mensuráveis. Além disso, o estudo apresenta caráter participante, uma vez que as pesquisadoras atuaram ativamente no desenvolvimento das atividades, registrando os dados em diários de campo e sistematizando-os para posterior análise. O campo de investigação delimitou-se a uma escola pública, em turmas do ensino fundamental, no componente curricular de Arte. O foco metodológico concentrou-se na compreensão das estruturas que regem o funcionamento da instituição, incluindo sua infraestrutura física, localização e perfil do público atendido.

Inicialmente, foi realizada uma etapa de observação não interventiva, cujo objetivo era mapear as relações dos alunos com a escola, suas vivências pessoais e suas experiências com o ensino de artes. Posteriormente, a investigação foi direcionada às turmas do 6º ano A e 6º ano B, nas quais se buscou compreender, inclusive por meio de registros gráficos, a configuração dos espaços de sala de aula. Para análise mais detalhada, foram selecionados quatro estudantes de cada turma, totalizando oito participantes. O critério de escolha baseou-se na frequência escolar, privilegiando alunos com participação constante durante o período da pesquisa, em um universo de aproximadamente trinta discentes por sala.

Além das observações, foram considerados dados secundários disponíveis sobre a composição racial e o perfil socioeconômico do corpo discente. Constatou-se que 58% dos alunos se autodeclararam pretos ou pardos e estavam em situação de vulnerabilidade social, informação relevante para a compreensão do contexto escolar e das práticas educativas desenvolvidas. As aulas observadas e aplicadas no decorrer da pesquisa foram organizadas em quatro encontros de 40 minutos cada. Duas delas tiveram como eixo metodológico a perspectiva decolonial no ensino de artes, tomando como base o conteúdo do livro didático "O corpo e a expressão".

A primeira proposta, desenvolvida com a turma do 6º ano B, consistiu em uma atividade temática sobre a moda como forma de expressão individual e coletiva. Como recurso inicial, foi utilizado o trecho que aborda a estilista Zuzu Angel, figura representativa da resistência durante a ditadura militar brasileira. A aula foi organizada em duas etapas: (i) confecção de acessórios em EVA (pingentes, pulseiras, colares e fivelas), explorando recortes, sobreposições e combinações cromáticas; e (ii) elaboração de propostas de estampas para



camisetas, por meio de desenhos contendo símbolos, palavras e imagens. Em ambas as etapas, a professora exerceu o papel de mediadora, orientando as escolhas estéticas e relacionando-as ao tema central da atividade. As produções resultantes foram reunidas em portfólios individuais e posteriormente apresentadas em sala, compondo o material empírico da pesquisa. Essa abordagem permitiu aos alunos ressignificarem seu conceito estético, compreendendo que a vestimenta pode carregar mensagens políticas, sociais e de afirmação de identidade e resistência. O ato de vestir, enquanto meio de expressão de gostos, sonhos e perspectivas sobre o mundo, reforça a lição de que a roupa é um grito artístico de identidade um espaço de resistência e afirmação onde a individualidade e o senso de pertencimento podem ser disseminados e exaltados perante a coletividade.

A segunda aula, ministrada à turma do 6º ano A, abordou a herança cultural negra por meio das simbologias Adinkra. O conteúdo do livro didático introduziu a temática do corpo e da expressão, possibilitando uma introdução às representações visuais. A aula foi organizada em duas etapas: primeiramente, os alunos tiveram contato com uma contextualização histórica acerca do povo Ashanti, em Gana, e com o percurso dos Adinkras até sua chegada ao Brasil. Em seguida, foram apresentadas imagens impressas de diferentes símbolos e seus significados. Na etapa prática, cada estudante produziu o próprio símbolo, apropriando-se dos referenciais estudados para criar representações pessoais em diálogo com sua realidade.

A terceira aula teve como foco a cultura do povo Huni Kuin (Kaxinawá), com ênfase na pintura corporal indígena como forma de expressão artística e identitária. O livro didático foi utilizado como recurso inicial, complementado por uma contextualização acerca da cosmovisão e dos grafismos desse povo, incluindo a narrativa tradicional da origem dos kênês⁴. A etapa prática consistiu na confecção de adornos inspirados nos grafismos indígenas, utilizando tiras de algodão cru e canetas, possibilitando aos alunos reinterpretar e recriar símbolos sob uma perspectiva própria.

Em todas as aulas, a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa serviu como orientação metodológica subjacente, articulando três dimensões: leitura de imagens e obras (viabilizada pelos conteúdos do livro didático e pelas referências visuais apresentadas),

⁴ Os kene kuin, nome verdadeiro dos kenês, são conhecidos como “desenhos verdadeiros” ou “desenhos da cobra”. São um elemento de extrema importância da cultura e identidade do povo Huni Kuin. Estão relacionados à coragem, força, poder e sabedoria.



contextualização histórica e cultural (realizada por meio das discussões sobre Zuzu Angel, os Adinkra e o povo Huni Kuin) e prática artística (materializada nas produções dos estudantes, como acessórios, estampas, símbolos e adornos). Essa estrutura permitiu integrar teoria e prática de forma coerente, garantindo que a experiência pedagógica se desse em diálogo com a produção cultural e a identidade dos sujeitos.

Durante todas as atividades, as pesquisadoras acompanharam os estudantes de maneira próxima, registrando suas produções e observações em diários de campo, além de colher feedbacks nas aulas subsequentes. Esse processo permitiu compreender de forma mais ampla como os alunos elaboram sentidos sobre a arte, a cultura e a identidade a partir de propostas pedagógicas de caráter decolonial, em consonância com a Abordagem Triangular.

Por se tratar de uma pesquisa realizada com menores de idade em ambiente escolar, todas as etapas foram conduzidas em conformidade com os princípios éticos da pesquisa educacional. Embora não tenha sido necessária a submissão a um Comitê de Ética, por se tratar de um relato de experiência com foco pedagógico, foram assegurados o anonimato dos participantes e o uso responsável das informações coletadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A presente investigação fundamentou-se em diferentes eixos que articulam o ensino de artes à implementação de um currículo descolonizador, vinculando a função social da educação artística ao papel de ferramenta potencializadora do desenvolvimento da identidade visual, da cultura e do reconhecimento. Esses eixos se materializaram em práticas pedagógicas que integravam, de forma simultânea, leitura, contextualização e prática.

A Abordagem Triangular, conceito formulado pela arte-educadora Ana Mae Barbosa, compreende três dimensões: (a) leitura da obra/apreciação; (b) contextualização histórica e cultural; e (c) prática artística. Essa estrutura funciona como um núcleo integrador que evita que a prática artística se reduza a procedimentos técnicos descontextualizados ou que a análise se limite a apreciações desvinculadas da produção cultural. Ao combinar leitura, contexto e fazer, a Abordagem Triangular promove aprendizagens significativas, favorece a problematização crítica dos referentes culturais e estimula a autoria dos sujeitos. No presente



estudo, ela não é apenas referência teórica, mas instrumento curricular que orienta a sequência didática.

Azevedo (2016), argumenta que a Abordagem Triangular permite uma interpretação das artes e das realidades que se manifestam de maneira diversa na pós-modernidade. Essa teoria legitima as intervenções feitas em sala de aula, pois, ao criar símbolos pessoais, os alunos engajam-se em um processo de interpretação de contextos e realidades. O foco no multiverso de formas e mensagens e na “incompletude dos sentidos literais” assegura que a subjetividade, a individualidade e a elaboração dos estudantes sejam o centro da dinâmica das aulas.

Godoi (2023) problematiza a marginalização das artes afro-brasileiras no currículo e defende práticas continuadas e estruturais para efetivar as Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08. Sua proposta enfatiza o caráter pedagógico-político da inclusão curricular: não se trata de “inserir” conteúdos pontuais, mas de reorganizar repertórios, materiais e mediações docentes de modo que saberes afro-diaspóricos ocupem posição central nas trajetórias de ensino e aprendizagem. No presente estudo, essa perspectiva fundamenta a escolha dos conteúdos (Adinkra, Huni Kuin e Zuzu Angel), o uso de portfólios e diários como dispositivos de registro e a mediação que problematiza as origens e sentidos das referências culturais, contribuindo para práticas pedagógicas verdadeiramente descolonizadoras.

Moura (2021) destaca que o trabalho com arte e moda deve ser um caminho para a crítica simbólica, transformando os alunos em “produtores críticos de sentido”. O objetivo era fomentar uma reflexão crítica sobre o consumo excessivo e as desigualdades sociais. Ao contextualizar a moda como instrumento de resistência (Zuzu Angel), a atividade cumpriu a orientação de Moura de que o ensino de artes deve promover conscientização e responsabilidade, utilizando o vestuário como campo de análise cultural e social.

Eça (2014) convoca um reposicionamento da educação artística para além do tecnicismo e do cânone eurocêntrico, defendendo que as artes na escola atuem como espaço de formação ética e cívica: educação para a paz, tolerância e sustentabilidade. A autora reforça a necessidade de práticas que provoquem leitura crítica da cultura visual e compromisso social. Essa orientação fornece o horizonte normativo do estudo: as atividades propostas visam não apenas competências técnicas, mas também o desenvolvimento do senso



crítico, do pertencimento e da responsabilidade social, elementos que se tornam operacionais quando articulados pela Abordagem Triangular.

Aristimuño (2011) aproxima educação artística, comunicação e cultura visual, mostrando que a linguagem visual e os regimes de visibilidade (mídia, marcas, signos) participam ativamente da construção de identidades. No presente estudo, o movimento de converter referências culturais em produção autoral (designs, símbolos, adornos) é compreendido tanto como exercício de literacia visual quanto como procedimento de afirmação identitária, em consonância com as preocupações de Aristimuño sobre representação e consumo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse sentido, as atividades foram desenvolvidas por meio de uma aula temática sobre a moda como forma de expressão individual e coletiva, aplicada às turmas do 6º ano. A proposta buscou levar os alunos a refletirem sobre como o vestuário e os acessórios podem traduzir gostos pessoais, valores culturais e formas de ver o mundo. A aula iniciou-se com uma breve conversa sobre o conceito de moda, apresentando exemplos de como diferentes grupos sociais e períodos históricos expressaram suas identidades por meio das roupas e da moda como forma de expressão e arte, abordando também seu potencial como instrumento de protesto.

Para essa atividade, tomou-se como ponto de partida o conteúdo do livro didático, que apresenta a estilista Zuzu Angel e seu trabalho de resistência durante a ditadura militar brasileira, levando os alunos a refletirem sobre como a moda pode comunicar mensagens políticas e sociais. A figura de Zuzu Angel cumpriu seu papel ao permitir que os alunos compreendessem o vestuário para além da estética, como um meio potente de comunicação e ativismo.

Em uma primeira aula prática, os estudantes criaram acessórios utilizando EVA (pingentes, pulseiras, colares, fivelas etc.), explorando recortes, sobreposições e composições de cores que dialogassem com seus gostos pessoais. Em uma aula subsequente, trabalharam na idealização de estampas para camisetas, desenhando símbolos, palavras e imagens que representassem seus próprios gostos, sonhos e perspectivas sobre o mundo.



Essa experiência prática revelou-se um espaço de autoconhecimento e respeito à diversidade, pois possibilitou que cada aluno refletisse sobre sua individualidade ao mesmo tempo em que reconhecia a pluralidade das expressões culturais dos colegas. As produções foram fotografadas e registradas em portfólios individuais, servindo como material de análise para compreender como a moda pode ser utilizada no ensino de artes como ferramenta de expressão e construção identitária.

A professora incentivou os alunos a refletirem sobre o significado das escolhas estéticas feitas durante a criação, relacionando-as a exemplos históricos e contemporâneos de moda como forma de arte e manifestação cultural. A discussão também abordou como o vestuário pode constituir-se como espaço de resistência e afirmação, assim como no trabalho de Zuzu Angel. As produções foram compartilhadas com os colegas, gerando uma troca rica sobre identidade, diversidade e liberdade de expressão, concluindo-se como processo de observação, reflexão e criação de obra artística (MOURA, 2021), em que a subjetividade de cada estudante pôde ser expressa e valorizada. A produção dos portfólios e o compartilhamento das criações funcionaram como um espaço de validação da diversidade, uma vez que as escolhas estéticas representavam as narrativas únicas dos alunos sobre seus gostos e perspectivas de mundo.

A aula introdutória sobre os Adinkras objetivou ativar as memórias do entorno e da cidade, buscando vestígios e permanências desses símbolos em articulação com os reflexos da diáspora africana na produção artística local. Conforme aponta Viana (2018), refletir sobre o ambiente escolar sem considerar as diferentes culturas e histórias que o compõem é um exercício complexo, uma vez que a escola também é portadora de símbolos e narrativas. Dessa forma, a integração dos símbolos Adinkra e de outras manifestações culturais africanas ao processo de ensino-aprendizagem constitui uma ação fundamental para confrontar a invisibilidade cultural nas instituições e promover a ressignificação desses espaços por sujeitos historicamente marginalizados na produção e transmissão do conhecimento.

Na etapa de fruição artística, a proposta instigou os alunos a criarem seus próprios Adinkra, partindo da compreensão dos significados preexistentes. O foco da atividade foi valorizar o olhar dos estudantes sobre suas próprias vivências, identidades e práticas, bem como compreender como materializar esses aspectos em um símbolo autoral. Durante a



produção, observou-se o surgimento de questionamentos profundos sobre a autorrepresentação, o que culminou em um processo de apropriação criativa dos símbolos estudados. As produções finais foram singulares e carregadas de significados pessoais, demonstrando o engajamento e a capacidade dos estudantes de se reconhecerem como sujeitos simbólicos.

Em um escopo temático distinto, mas convergente, abordou-se a arte dos povos originários, tendo como referência o povo Huni Kuin (Kaxinawá). A contextualização foi mediada pela contação de uma história típica, que ressalta a integração profunda com o território e a importância dos Kenês (grafismos) como o “presente verdadeiro do segredo da natureza”. Após a discussão, a atividade prática incentivou os alunos a buscarem conexões com seus próprios territórios e a se inspirarem nos símbolos indígenas para a produção de artefatos, como adereços, pulseiras e chaveiros.

A materialidade das produções realizadas revelou, de forma difusa e coletiva, a diversidade de perspectivas e a presença de “encruzilhadas” de experiências compartilhadas. Além de fomentar a fruição artística, a culminância das atividades se constituiu na confirmação dos alunos como produtores de arte e conhecimento, reafirmando suas identidades e narrativas no espaço educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, a presente pesquisa compreende a escola como um campo fértil e intrinsecamente vinculado à formação do ser humano, especialmente nos anos iniciais e finais do processo educacional. Nessa perspectiva, a educação artística configura-se como elemento essencial no âmbito da expressão e da cultura, manifestando-se de forma plural e significativa em diferentes contextos.

As atividades desenvolvidas com os alunos, fundamentadas nas práticas artísticas, na contextualização e na ampliação de repertório, evidenciaram a urgência de se articular o ensino de artes nas escolas (sobretudo naquelas situadas em contextos de maior precarização) como espaço de identificação, pertencimento e desenvolvimento. A inserção de repertórios que aproximavam a cultura popular e os saberes tradicionais das práticas artísticas



possibilitou aos estudantes, para além da troca pedagógica, o contato com múltiplos conhecimentos que dialogavam harmonicamente em torno de um eixo central: a identidade.

O reconhecimento dos povos originários do Brasil e da história dos Adinkras contribuiu para o fortalecimento do arcabouço histórico, simbólico e criativo dos alunos, demonstrando que, de distintas maneiras, cada povo expressa sua própria existência por meio da arte, conforme os atravessamentos de sua experiência cultural. Esse processo despertou a curiosidade e fomentou um ambiente de criação em que os estudantes passaram a construir identidades singulares a partir das propostas apresentadas, ancorando-as em suas vivências e exercendo um movimento reflexivo sobre si mesmos que se materializou em produções artísticas autorais. As intervenções pedagógicas bem sucedidas demonstraram também a relevância de utilizar a moda no currículo de Artes como um eixo capaz de mobilizar discussões sobre história, política, identidade e consumo. Ao integrar a figura de Zuzu Angel e a moda como protesto a partir do fazer artístico de criação de acessórios e estampas, a prática conseguiu materializar os fundamentos da pedagogia crítica e descolonizadora.

Conclui-se, portanto, que investir no ensino de artes visuais, especialmente em programas de iniciação à docência, amplia o horizonte formativo das crianças, contribuindo efetivamente para uma educação emancipadora. Como espaço privilegiado de construção identitária e de cidadania cultural, a Educação em Arte revela-se fundamental para que os alunos assumam seus lugares sociais de maneira crítica e criativa.

REFERÊNCIAS

ARISTIMUÑO, Felipe. **Relatório da Prática de Ensino Supervisionada em Artes Visuais Estudando a Identidade Visual em Comunicação. Uma Proposta de Intervenção Pensando a Cultura Visual**. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa (Portugal).

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves. de. **Abordagem triangular no ensino das artes como teoria e a pesquisa como experiência criadora**. Recife: Editora SESC, 2016.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

DE EÇA, Teresa Torres. **Para além do crepúsculo das artes visuais na escola**. Revista Lusófona de Educação, n. 26, p. 17-27, 2014.

DOS SANTOS GODOI, Rosemary Cristina Borges et al. **Descolonizando práticas pedagógicas na educação básica: reflexões sobre o processo de ensino aprendizagem da**



arte afro-brasileira no ensino fundamental da rede municipal de educação de Belo Horizonte. 2023.

MOURA, Ediel Andrade. **Arte e moda: uma experiência na Escolinha de Arte do Recife** . Revista de Ensino em Artes, Moda e Design, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 111–132, 2021.

VIANA, Edlaine Gladys Borges. **Atividades para o ensino de simetria com os símbolos adinkra**. Rio de Janeiro, 2018.

